



Norbert Gstrein

Als ich jung war

Quando eu era jovem

Carl Hanser Verlag, Munique, 2019

ISBN 978-3-446-26371-0

Excerto traduzido por Paulo Rêgo

Páginas 9-39

I - Estas alegrias

Primeiro capítulo

Depois da desgraça que ali se passara havia treze anos, jamais teria achado que voltariam a ser organizadas festas de casamento no restaurante do palácio e, muito menos ainda, que pudesse ser precisamente o meu irmão a fazê-lo. Até essa altura — e durante o ano que se seguiu, pois o contrato assim o previa — fora o nosso pai o arrendatário. A seguir, passaram-se vários meses sem que surgisse quem lhe sucedesse, até por fim aparecer um tipo que pretendia atrair uma clientela bem diferente, que abriu uma pizzeria, instalou uma pista de *bowling* na cave e pendurou dois alvos para jogar setas; além disso, apostava no facto de a história da noiva morta ser esquecida ou, bem pelo contrário, vir até a tornar-se uma atração macabra. Quando no ano anterior o contrato de arrendamento voltara a expirar, tinham dado preferência ao meu irmão, em detrimento de várias outras ofertas, e este não tardou a conduzir o restaurante de volta à reputação de que antes gozava; os seus cozinhados tinham mesmo conseguido obter reconhecimento para lá dos limites daquela região, como se dizia, pretendendo ele por isso, no futuro, regressar à velha tradição da organização de casamentos.

Durante a minha infância, duas ou três semanas depois da Páscoa, após terminar a temporada de inverno, costumávamos deixar o nosso hotel no meio dos montes e ocupávamos o restaurante; não tardava então que comessem os casamentos, um fim de semana após o outro, com frequência dois, um na sexta-feira, outro no sábado, até meados de setembro, por vezes até ao início de outubro. Durante o verão o hotel ficava fechado, quase a cada dois dias o nosso pai conduzia até lá, para ver se tudo estava em ordem, e só depois do Dia de Todos os Santos, quando habitualmente voltava a nevar, é que empacotávamos as nossas coisas, trancávamos tudo e regressávamos a casa. Fora assim que eu crescera, no inverno o hotel e a escola de esqui, no verão a fábrica de casamentos, o nome que, em tom irónico, o nosso pai começara por

dar ao negócio, mas que depois, já a sério, fora adotado por todos, sem que apesar disso a atratividade se ressentisse. As pessoas casavam-se no palácio, ainda que na realidade aquele edifício não o fosse e apenas assim o chamassem, entregavam a festa ao cuidado do nosso pai, que a partir de dada altura assumira, de uma vez por todas, essa incumbência. Quase ninguém das aldeias em redor rejeitava as suas propostas, mas as pessoas vinham também da cidade, decidiam-se por uma das três modalidades — *standard*, *medium* ou *extra* —, recebiam os conselhos do meu pai, que oferecia todas as garantias, menos a da felicidade no casamento. De um modo ligeiramente atrevido, publicitava o negócio dizendo que, no dia mais feliz dos noivos, tratava por eles de tudo aquilo que pudesse tratar, para que depois eles tivessem a cabeça e as mãos livres para tratar por si mesmos daquilo que não podia de todo ser ele a tratar. Além disso, chegava até a prometer-lhes bom tempo ou, caso houvesse mesmo mau tempo, fazia um desconto considerável. Eles escolhiam uma ou duas pequenas extravagâncias: uma delas podia ser a viagem num coche aberto, ao longo da estrada serpeante que conduz ao pequeno planalto onde fica o restaurante. É desse planalto que se ergue o chamado Schlossberg, um monte com a ruína de um castelo que remonta ao século XIV. Como alternativa havia ainda as fileiras de anjinhos, um coro infantil ornamentado com pequenas asas, disposto de ambos os lados dos noivos. Ou então a dança do ventre, uma opção que só nos últimos anos o nosso pai passara a oferecer e que constituía uma experiência de gosto duvidoso, em que se podia observar uma atriz do teatro regional a contorcer-se e a estirar o corpo no meio do chão, como se tivesse perdido o juízo.

Tinha quinze anos, frequentava um internato e ainda não beijara uma rapariga quando comecei a fazer fotografias nas festas de casamento. Dois anos antes o meu pai oferecera-me uma máquina fotográfica pelo aniversário e uma vez que olhava para tudo através da perspetiva do empresário e, ao mesmo tempo, não sentia qualquer falso respeito pelas falsas artes, como ele próprio disse, não fiquei sequer admirado quando, a dada altura, me veio com a proposta de incluirmos as fotografias nos serviços prestados, argumentando que era só tirar umas chapas, eu decerto daria conta do recado. Comecei por

me recusar, do mesmo modo que me recusara a ajudar no hotel, no serviço de mesas, ou a demonstrar os primeiros movimentos na neve aos alunos das aulas de esqui, mas como de resto sempre acontecia, não me pude escapar ao nosso pai. Ele impôs a sua vontade e às minhas atividades como professor de esqui temporário e empregado de mesa ocasional acrescentei ainda a de fotógrafo de casamentos, para a qual me providenciou um disfarce adequado, um fato azul-escuro e uma gravata, também ela azul-escura, com uns pontinhos brancos bastante discretos. Assim vestido, nem num enterro faria má figura e, ao verem-me tão aperaltado, seria fácil as pessoas esquecerem que na realidade eu ainda andava na escola e que nas aulas que tinha aos sábados andava a lutar contra o sono, em virtude de na sexta-feira ter estado a trabalhar e de o nosso pai não ter podido voltar a avisar que eu estava doente, por já terem sido muitos os fins de semana anteriores em que usara essa desculpa.

A minha câmara era uma Leica e aprendera por mim mesmo tudo o que sabia acerca de fotografia. De início, a minha sorte fora que os casais de noivos que tinha pela frente estavam pouco menos constrangidos do que eu; ou então talvez estivessem apenas distraídos e nem sequer se dessem conta de que estavam a lidar com um amador que tremia de medo. Fazia as primeiras fotografias no momento da sua chegada, quando saíam do carro ou do coche, quando se punham a olhar em redor, no átrio, quando dirigiam o olhar para cima, para a ruína do castelo, e para baixo, para o vale de onde tinham vindo; tentava então captar uma impressão deles, no interior da minha cabeça apostava ora na felicidade ora na desventura daquele casal. Nas últimas fotografias que tirava, normalmente bem depois da meia-noite, regra geral já as minhas suspeitas haviam sido confirmadas ou então desmentidas. Quase todos eles casavam também pela Igreja e a cerimónia tinha lugar na capela das Irmãs da Caridade, cuja casa-mãe estava situada a poucos passos do nosso restaurante. Essa capelinha, situada ali no meio da paisagem, qual brinquedo de criança, ficava rodeada pelo cemitério onde as irmãs falecidas eram sepultadas. As suas sepulturas, muito bem alinhadas, fila após fila, assemelhavam-se às de um cemitério militar. Já casados, os noivos saíam depois para o exterior, como que ofuscados. A fotografia que nesse preciso

momento sempre fazia era enquadrada mesmo rente às cruces de madeira, de tal modo que por vezes tinha ainda de retocar e apagar algum pedaço delas; mostrava a expressão surpreendida dos noivos, os seus rostos a descoberto, na sua celestial felicidade. A seguir fotografava-os no relvado mesmo ali ao lado e nem precisava de dizer-lhes que poderiam sentar-se sobre a erva, fotografava-os diante do chafariz que pertencia ao convento e, sem eu dizer uma palavra que fosse, eles desatavam a salpicar-se com água, fotografava-os na orla da floresta, até por fim já todos os motivos terem rapidamente sido esgotados. Quer o casal perscrutasse profundamente o olhar um do outro ou dirigisse a atenção para mais longe, quer se beijasse ou não, quer a noiva revelasse uma perna desnudada ou passasse a mão pelo cabelo, quer o noivo a agarrasse pelo braço, a fizesse dobrar as costas como se fosse uma dançarina ou mesmo a erguesse no ar, comportavam-se sempre de modo ajuizado, como se cumprissem um guião imutável, e por fim já nem sequer se conseguia distinguir um do outro.

Embora eu propusesse a todos que subissem até à ruína para aí fazermos fotografias junto ao que restava das paredes do castelo, eram poucos os que aceitavam, pois a subida era demasiado custosa e eles não dispunham do calçado mais adequado, mas decerto também porque, talvez inconscientemente, receavam aquela atmosfera tenebrosa. De início apenas para os clientes da modalidade extra, mas passado pouco tempo também já para uso dos restantes, o nosso pai mobilara no primeiro andar, por cima do restaurante, um quarto para onde os noivos poderiam retirar-se e descontraír um pouco depois de terem estado comigo no exterior, a tirar fotografias. Estabelecera-se como hábito que, logo que daí saíssem, eu voltaria a fotografá-los. Tentava então perceber nas suas expressões o que significavam os seus sorrisos ou questionava-me por que razão me davam — a mim, um rapaz com quinze, mais tarde com dezasseis e depois com dezassete anos — tão claramente a entender tudo aquilo que, na meia hora que entretanto decorrera, teriam por detrás daquela porta fechada andado a fazer um com o outro.

Havia um sítio onde, depois disso, eu sempre os levava. A partir do restaurante, bastava enveredar por um estreito caminho através da floresta e

não tardava a surgir uma pequena clareira. Colocava-os sempre exatamente no mesmo lugar e fotografava-os de uma perspectiva ligeiramente elevada, pondo-me em cima do toco de uma árvore, pois desse modo ficaria bem visível, em segundo plano, o oitão formado pelas curvas do rio e da autoestrada, lá bem em baixo, no fundo do vale. Uma visão do infinito que se tornara a minha marca registada. Para isso, os noivos teriam de se chegar perto do precipício, a uma distância que permitisse que tudo fosse perfeitamente seguro, mas ainda assim o suficiente para o potencial perigo não lhes passar despercebido. Ao fazê-lo, abandonavam também a tranquilidade que reinava naquele local à sombra do Schlossberg e, de um momento para o outro, eram surpreendidos pelo ruído dos veículos pesados com reboque que circulavam em longas colunas, para norte e para sul. Nesses momentos conseguia eu ler romances inteiros nos seus olhares e quase todos faziam também um comentário qualquer, nem que se limitasse à pergunta que me dirigiam, querendo saber se acaso pretendia matá-los no mais belo dia das suas vidas.

Quando eu era jovem, acreditava em quase tudo, e mais tarde já em quase nada. E foi em algum momento, por essa altura, que deixei de acreditar, que terei perdido a capacidade de acreditar. É claro que era uma atitude presunçosa pensar, a propósito de uma noiva, que esta deveria pôr-se em fuga se, nem que fosse apenas por um momento, parasse para pensar; no entanto, da primeira vez que isso me ocorreu foi como se um dique se rompesse e, com efeito, durante os muitos casamentos que se seguiram não mais consegui expulsar essa ideia. Com um homem a seu lado — e nem sequer precisava de ser um seu contemporâneo da pior espécie —, as mulheres passavam de imediato a parecer muito mais mortais; no entanto, bem poderiam todas elas ter passado mais alguns anos sem, de um dia para o outro, cegamente ou de olhos abertos e conscientes do que faziam, se deixarem, mediante os seus casamentos, envolver de um modo tão manifesto no correr dos tempos.

Habitualmente era também a noiva aquela que, após lançar uma arrepiante olhadela para as profundezas do precipício, dizia para o marido «Ainda vais a tempo de te ver livre de mim», o que não deixava de ser revelador quanto às relações de poder e subjugação, às estratégias de repressão e

sobrevivência daquele casal. Raras vezes o dizia o noivo, que então sempre abraçava a mulher, como se para tal tivesse recebido um comando, como se a ideia tivesse acabado de lhe passar pela cabeça ou como se fosse demasiado simplório para que isso sequer lhe ocorresse. Apressava-me então a fazer as fotografias que tinha a fazer, tão indiferente quanto me fosse possível. Mais tarde, nas cópias que guardava conseguia rever tudo nos rostos deles, a mágoa e a reconciliação, como se tivessem andado a discutir, a tensão e o alívio, as incertezas e a sua resolução, uma confiança crédula no destino, a raiar o pânico, e uma desajeitada reação de revolta contra isso. Quase nunca falhava o mínimo que era pretendido: todos eles queriam aparecer nas fotografias melhor do que eram na realidade, mas para tal não era preciso muito esforço, bastava-me recorrer aos truques mais simples ou então fotografava-os de modo a evitar as suas imperfeições, a sua natureza humana.

Mesmo sem o fim terrível que teve, a noiva morta ficar-me-ia registada na memória, quanto mais não fosse pelo facto de naquele local ter também ela dito qualquer coisa, mas algo bem diferente do que outras haviam dito. Nessa altura, há bastante tempo que eu deixara de fotografar casamentos e naquele outono tinha-me limitado, em apenas duas ocasiões, a substituir o fotógrafo profissional que passara a assegurar o meu trabalho, pois este ficara doente e, assim de um momento para o outro, não fora possível encontrar outra pessoa que assumisse a tarefa. No dia em que fizera o exame final do ensino secundário dissera ao meu pai que, de futuro, teria de prescindir dos meus serviços, que no meu tempo de vida vira já casamentos suficientes para uma vida inteira, que ao longo de todos aqueles anos tentara resistir às insistências dele mas depois acabara por amolecer e ceder. Quando voltei a fotografar aqueles dois casamentos, há muito que suspendera o meu curso de Medicina e que começara, sem grande entusiasmo, a estudar Germanística e Anglística, razão pela qual a distração até veio bastante a calhar. A coisa deveria ter-se limitado àquela única vez, mas já que essa única vez, ao contrário do que eu esperava, fora até bastante agradável — e tendo em conta que, ao contrário do que dantes acontecia, recebera um honorário digno desse nome —, aconteceu que, poucas

semanas mais tarde, se lhe juntou uma segunda vez, tornando-me então eu o fotógrafo do casamento da noiva morta.

Obviamente ela estava ainda viva quando nos dirigimos à clareira para aí realizar as minhas fotos com efeito de infinito, mas nessa altura já só lhe restavam umas dezasseis horas, talvez mais uma, talvez menos uma, consoante se avaliasse as declarações posteriores que as testemunhas haviam prestado e os resultados da autópsia médica. Já antes ela tivera uma discussão com o marido e tentara até envolver-me na disputa, como se a oportunidade de escarnecer dele, de no fundo o humilhar, lhe proporcionasse a maior das satisfações. À hora combinada, pusera-me à espera diante do quarto de descontração dos noivos. Escutava claramente as suas vozes, vindas do interior, e quando de repente ela saiu, de modo intempestivo — segurando com ambas as mãos o vestido branco de lantejoulas à altura dos joelhos enquanto tentava desembaraçar-se dos sapatos de salto alto e atirá-los pelos ares de qualquer maneira —, ouvi-a ainda dizer para ele: «Podemos deixar ficar tudo como está, se quiseres. A tua mãe, a tua mãe, a tua mãe... Se a mencionares uma vez mais que seja...» Precisamente nesse segundo, o olhar dela cruzou-se com o meu, tendo ela interrompido o que estava a dizer. Tinha olhos escuros, quase pretos, e um sinal junto ao lábio superior que se me afigurou como um terceiro olho. O rosto estava afogueado, o penteado, uma complicada estrutura em suspensão, em profundo desarranjo, mas ela desatou a rir, como se, de um momento para o outro, a minha presença ali transformasse toda a situação numa comédia.

— Quantas vezes isso já aconteceu? — perguntou-me ela, voltando a virar-se na direção do seu marido, que a seguia de modo hesitante, gesticulando desajeitadamente com as mãos, a fender o ar como se fosse um maestro a quem tivessem entregado a partitura errada. — Afinal, vocês aqui casam tudo e todos...

Ergueu o tom da sua voz, para que ele não perdesse pitada e para ter a certeza de que este se apercebia que também eu não perdera pitada.

— Quantas vezes já aconteceu uma mulher mudar de ideias, no último instante?

— Nunca — respondi. — Nem uma única vez.

— E quantas vezes já viu um homem que, no dia do casamento, confessa à noiva que, na verdade, está casado com a própria mãe?

Ela queria por força fazer aquela cena, queria-o tanto que qualquer um lhe teria servido como público; e queria fazê-la tanto mais quanto mais se dava conta de que, desse modo, conseguia causar embaraço ao marido. Eu não fazia ideia do que se teria passado entre eles naquele quarto, à porta fechada, mas seria decerto qualquer coisa que a fizesse sentir-se no direito de ter aquele comportamento absurdo para com ele. Quando este foi atrás dela e tentou agarrar-lhe a mão, ela repeliu-o. Era um homem esguio, com uma calva pronunciada na zona da testa e uma barriga ligeiramente protuberante que o colete mal conseguia disfarçar. Deveria ter quarenta e muitos anos, como tal uns quinze ou talvez até vinte a mais do que ela, e não dispunha de outro método de fazer frente à sua grosseria que não fosse procurar prender o seu olhar, fitá-la com um ar suplicante e pedir-lhe que não armasse um escândalo.

— Mas, Iris...! — ia ele repetindo, uma e outra vez, com um tom de voz resignado e quase sumido. — Prometeste-me que te irias conter.

Propus que as fotografias que tínhamos planeado fossem tiradas mais tarde ou até mesmo que se desistisse da sessão marcada para o meu local preferido, mas ela insistiu que tudo fosse mantido como estava previsto no protocolo — foram exatamente essas as palavras que usou —, não poderíamos começar a desviar-nos do rumo, a menos que quiséssemos, logo de início, ser responsáveis pelo próprio falhanço.

— Vá andando à frente — disse ela. — Já vou ter consigo. O meu marido terá de decidir se vai depois ter connosco ou se vai para junto da mãe, para chorar no colo dela. Deixemo-nos surpreender.

Ela disse-o mesmo, enquanto de entre as dobras do seu vestido desencantava um pequeno maço de cigarros, dirigindo-se depois a mim:

— Quer um?

Entretanto, apontou para o marido.

— Ele não gosta que eu fume.

Nem sequer reagi, mas ainda ela não tinha acabado de prender o cigarro entre os lábios e já o marido estava com o isqueiro na mão, o reflexo de um cavalheiro da velha escola, incapaz de outra coisa que não fosse mostrar-se às ordens, pronto a ser útil.

— Tem mesmo de ser, Iris?

Ela voltou a remexer no vestido, à procura, e dali a nada, com um gesto triunfante, ergueu no ar uma pequena garrafa de bolso, chegando mesmo a oferecer-me um gole.

— Prometi-lhe que não iria estragar o dia à mãe dele — comentou ela, ignorando as objeções do marido, depois de eu recusar. De olhos fechados, bebeu pequenos goles da garrafinha. — É claro que vou ser uma menina muito bem-comportada.

Entretanto puséramo-nos a caminho e, ao chegarmos à pequena clareira, ela tratou logo, sem sequer hesitar, de se aproximar bastante da beira. Parara de chover talvez há um par de horas, o ar apresentava-se limpo, cheirava a humidade e musgo, e o ruído que subitamente chegava até ali vindo da autoestrada parecia ainda mais intenso do que noutros dias, um ressoante e insistente roncar, que nos obrigava a quase gritar para nos fazermos entender. Começara a soprar vento, que de início apenas se emaranhara nos cabelos dela, mas que de seguida lhe entufou o vestido, fazendo subir umas quantas vezes o tecido pesado, que logo voltou a cair, dois ou três débeis baques sobre o chão ainda molhado da floresta. Ela olhou para o precipício, depois para o marido e por fim para mim. O seu rosto adotara uma expressão de intenso esforço, como se estivesse a tentar realizar um cálculo complexo de cabeça, mas sem conseguir chegar a um resultado satisfatório.

— Você saiu-me cá uma peça... — declarou ela quando se apercebeu de que eu estava a observá-la. — Nunca ninguém lhe deu a entender que dentro da sua cabeça talvez não bata tudo certo?

A seguir abeirou-se do marido e deixou que este a abraçasse, de repente animada por uma exagerada docilidade, para logo no momento seguinte voltar a fazer troça dele.

— Se agora te empurrasse e caísse por aqui abaixo, de certeza que o nosso fotógrafo nem sequer me denunciaria. Poderia sempre dizer que te chegaste demasiado à beira, querido, que depois tropeçaste. Ele até confirmaria as minhas declarações. Talvez não te tenhas dado conta, mas acho que ele se apaixonou por mim um bocadinho.

Dito isto, virou-se de novo para mim; adotara de súbito uma expressão maliciosa: no lábio superior o sinal animava-se a cada movimento dos cantos da boca, os olhos muitos arregalados fingiam expectativa.

— Isso é verdade, não é?

Para não ter de continuar a sujeitar-me àquele tipo de provocações, tratei de fazer apenas umas quantas fotografias e, para meu espanto, mais tarde não encontrei nas cópias guardadas quaisquer vestígios daquela cena. Embora não há muito aquela mulher parecesse ainda agressiva e furiosa, era como se uma esponja tivesse sido passada sobre o assunto, dando lugar a uma amabilidade em que, na verdade, não reparara antes, ao olhar para o seu rosto. Olhava para a câmara com uma expressão branda, as faces cheias conferiam-lhe uma aparência de menina e agarrava a mão do marido, que lhe colocara o braço à volta dos ombros, um gesto jovial, quase cúmplice, capaz de também a ele devolver o vigor. Já nada mais exhibia daquela expressão de arrependimento, daquela sua hesitação, e só mesmo ao observar as fotografias consegui vislumbrar a razão pela qual ele alguma vez teria por ela sido considerado uma opção. As fotos tinham ficado demasiado escuras, por não me ter dado conta de que, após aquela breve aberta, haviam de novo surgido nuvens no céu, mas os olhos dele resplandeciam, como se toda a luz se tivesse concentrado neles.

No caminho de regresso fora *ela* que colocara o seu braço em volta dos ombros *dele* e, enquanto seguia atrás de ambos, ouvi nitidamente ela dizer-lhe que estava muito feliz. E foi isso mesmo que suscitou dúvidas ao comissário que surgiu logo na manhã seguinte para conduzir a investigação. Uma vez que, estando a estudar na universidade, não podia já reclamar como meus um quarto e uma cama em casa dos meus pais, pernoitara no tal quarto de descontração destinado aos noivos e, quando descí para o pequeno-almoço, já tarde, dei de caras com o comissário, que tinha acabado de chegar. Assim, fui a

primeira pessoa a falar com ele e a ter de responder às suas perguntas. Ao todo, não passara mais do que uma breve meia hora sozinho com o casal, no fundo o suficiente para assistir à cena desagradável da mulher, até termos depois regressado para junto dos convidados, a noiva e o noivo serem recebidos com uma sonora saudação e eu me remeter para segundo plano, podendo de seguida prosseguir com o meu trabalho. Contudo, o comissário estava convencido de que algo mais decisivo deveria ter-se desenrolado diante dos meus olhos, precisando ele por isso de encontrar a chave que pudesse pô-lo a descoberto. Percorreu comigo minuto após minuto, teria até preferido que lhe prestasse contas de cada segundo que então se passara; e tinha toda a razão ao constatar que não fazia qualquer sentido o modo como a mulher começara por ridicularizar o homem para de seguida se pôr a ronronar como um gatinho, sobretudo tendo sido pouco o tempo entretanto decorrido.

Por me parecer demasiado disparatado, comecei por omitir o facto de ela me ter dito que estava apaixonado por ela, mas quando finalmente o revelei — depois de o comissário insistir e me tentar arrancar, uma e outra vez, se não me lembrava de mais nada, se não me teria esquecido de coisas que pudessem parecer-me irrelevantes mas que porventura seriam de extrema importância —, este examinou-me com o olhar e quis saber se eu teria ficado com a impressão de que ela estava embriagada ou sob o efeito de drogas ou se porventura achara que era simplesmente doida. Foi nesse momento que, pela primeira vez, eu próprio olhei para ele com olhos de ver, tendo esse meu olhar sido retribuído. Era um homem corpulento, não muito velho mas já com um olhar cansado, usava o cabelo com uma franja a cobrir-lhe a testa e pressionava sempre os lábios de modo a formarem uma linha reta, talvez para que a boca não se lhe escapasse numa qualquer direcção. «Uma boca desapontada», pensei, a boca de uma mulher que passara demasiado tempo à espera da felicidade.

— Ela disse mesmo que você estaria apaixonado por ela? — perguntou. — E vocês nunca se tinham conhecido antes? Ainda nem sequer há um dia estava casada... Que sentido é que isso faz?

A noiva fora encontrada havia uma hora e meia, com o pescoço partido, no sopé do Schlossberg, mas ele declarava estar convencido de que até ao fim

do dia iria conseguir resolver o assunto. Iria investigar tudo de modo sistemático, averiguaria passo a passo quem a vira pela última vez e quem fora a última pessoa a ser vista com ela, percorreria depois a lista de convidados — que ainda estariam a dormir e nem sequer faziam ideia do que acontecera —, trataria de encontrá-los e falaria com cada um deles. Nem mesmo o próprio noivo sabia ainda do sucedido. Alegadamente teria por volta das três e meia da manhã, já a cair de bêbedo, sido despachado para o hotel, onde teria adormecido de imediato, sem sequer dar por falta da noiva. Era com ele que o comissário queria falar em primeiro lugar, depois de todas as perícias médico-legais terem sido realizadas no cadáver; de resto, já havia especialistas da unidade forense a tratar disso. Queria ser ele próprio a dar a notícia ao noivo e ver como este reagia. Pediu-me para lhe fazer chegar todos os negativos das fotos do casamento, eu entreguei-lhos em mão e só vi as imagens duas semanas mais tarde, depois de ele mos devolver. Na primeira fotografia que fiz do casal na verdade apenas se vê a noiva — ou, mais concretamente, apenas a sua perna com o sapato de salto alto e o tecido ondeado do vestido — a sair da limusina decorada com flores que acabara de chegar; um clichê, é certo, mas as pessoas gostam sempre de vê-lo. Por outro lado, na última imagem vê-se ela sentada ao lado do seu marido, horas mais tarde, a rir, enquanto em segundo plano surgem os quatro homens que já antes haviam tentado raptá-la e se preparam para realizar nova tentativa¹; dessa vez foram bem-sucedidos e, passados alguns minutos, tinham já a noiva consigo no carro e partiam dali, no seu descapotável, com o volume da música tão alto que, enquanto desciam a estrada sinuosa, encosta abaixo, ainda se conseguia ouvi-los.

Isso acontecera pouco antes da meia-noite; quando regressaram, passadas quatro horas, já eu estava há muito na cama, a dormir. Não tinham estacionado no parque grande à frente do restaurante; em vez disso, haviam contornado o edifício e deixado o automóvel nas traseiras, mesmo abaixo da janela do quarto de descontração, cuja janela eu deixara aberta. O volume da música não era o mesmo de antes, mas ainda assim fora o suficiente para me

¹ No Sul da Alemanha, Áustria e Suíça é comum nas festas de casamento organizar-se, como partida aos noivos, um rapto da noiva. O noivo terá então de ir recuperá-la. O «rapto» não deverá no entanto demorar mais do que 1 a 2 horas e deverá ter o cuidado de respeitar outras regras para se manter uma partida de bom gosto. (*N. do T.*)

acordar, e quando me levantei e espreitei para o exterior, escondido atrás do cortinado, reparei que a capota do carro tinha entretanto sido fechada. A manhã estava fresca, voltara a chover, mas acima da casa-mãe das Irmãs da Caridade já se entrevia os primeiros sinais da claridade.

O automóvel ficou ali parado algum tempo sem que nada tivesse acontecido, mas por muito que quisesse, não consegui precisar ao comissário durante quanto tempo. Por fim, a porta do condutor abriu-se e a noiva saiu do carro; o branco do seu vestido pareceu dissolver-se na escuridão. Quando dali se tinham ido embora, não era ela que ia ao volante; em vez disso, sentara-se no banco traseiro. No entanto, essa mudança não me espantava nada. Entretanto, também a voz dela se fez ouvir, tendo perguntado aos outros se pretendiam continuar ali sentados, embora na verdade estivesse a desafiá-los a sair. Do interior do automóvel ressoaram gargalhadas, a que se seguiram as palavras pronunciadas a custo por alguém embriagado.

— Não preferes ir ver primeiro se o teu marido já está na cama a dormir? Entretanto ficamos aqui à espera...

— Ah, disparate! — respondeu ela. — Ele não vos vai matar.

A noiva encontrava-se sob a luz projetada pelo candeeiro pendurado por cima da entrada das traseiras e, para além do brilho das lantejoulas, reparei também por instantes no seu rosto e no sinal do seu lábio superior.

— Dizemos que tivemos uma avaria.

Então a porta do pendura abriu-se e voltou a ouvir-se a voz de um indivíduo embriagado, arrastada, rouca e com um tom intencionalmente vulgar.

— Uma avaria? Já agora, podíamos era dizer que morreu a tua avó, Iris! Quem é que vai acreditar nisso?

O vulto tentou sair do carro, lentamente e com dificuldade, deu alguns passos em direção ao edifício e, mesmo abaixo de onde eu me encontrava, apoiou-se na parede, com o braço acima da cabeça.

— O melhor é pormo-nos a milhas.

— Nem pensar — declarou a noiva. — Vocês ficam!

Logo de seguida, soltou um guincho.

— Que fazes tu para aí?

Inclinei-me para a frente, mas não consegui ver nada em concreto.

— Diz-me que não estás a fazer o que me parece, Michi!

Nesse mesmo instante escutei o chapinhar de um líquido contra a parede e, precisamente na altura em que o odor de urina me subiu ao nariz, ela desatou a protestar com voz estridente.

— Bela porcaria! Que queres tu provar, Michi? Não acredito que estejas a fazer isso!

Entretanto, os outros tinham-se içado dos assentos traseiros para o exterior. Alinharam-se diante do carro, cada um com os braços em volta dos ombros do companheiro, ali de pé como os despojos de uma equipa de futebol derrotada após a marcação de penáltis, a observar o amigo. As suas risadinhas eram próprias de gente grosseira e, enquanto instintivamente dei um passo atrás, só faltou mesmo que eles o incitassem.

O sucedido não demorou mais do que um minuto, mas o comissário quis, mais do que uma vez, que eu repetisse as palavras que tinham sido ditas, pretendendo por fim saber ainda que horas exatas eram quando aquilo aconteceu.

— Foi antes ou depois das quatro?

— Não lho sei dizer.

— Por Deus! — exclamou ele. — Mas se diz que olhou para o relógio... Por volta das quatro não chega. Tente lá lembrar-se.

A seguir, insisti na pergunta que já antes me colocara e para a qual, na verdade, não estava à espera de qualquer resposta.

— Mas esse porco pôs-se mesmo a urinar contra a parede, em frente à noiva, e os outros ficaram a vê-lo e a rir-se?

Nessa altura não sabia ainda quem eles eram e o mais provável é que poucos fossem os convidados do casamento que o soubessem, porventura nem mesmo o noivo; porém, não tardou a revelar-se que todos os quatro eram conhecidos da noiva, seus antigos pretendentes — a expressão que então foi usada —, sendo que pelo menos dois deles haviam mesmo sido namorados. Fora ela que os convidara e esses senhores tinham decidido formar uma espécie

de clube dos rejeitados, gabando-se de um modo vulgar que, ao fugir com ela noite adentro, apenas estavam a fazer valer os seus direitos de outrora. Eram, todos eles, rebentos das melhores cepas da boa sociedade, na medida em que tal expressão ainda faça algum sentido ou alguma vez o tenha feito. Eram moços de boas famílias — ou de famílias que eram pelo menos abastadas —, portanto passíveis de ser considerados bons partidos, e fosse lá como fosse que eu os tivesse captado nas fotos que tirara, era também essa a impressão que conseguiam transmitir. Apareciam com copos de champanhe na mão, a formar um círculo, a brindar ao noivo, a falar com a noiva ou a dançar com ela, ora surgiam num grupo aqui ora noutra ali, jovens que decerto largariam sonoras gargalhadas se alguém lhes tivesse dito que, pelo menos durante alguns dias, iriam figurar como principais suspeitos — e, mais tarde, ainda assim como intervenientes e decerto não inteiramente inocentes — num caso que até hoje não foi esclarecido.

Nas duas semanas seguintes foram publicadas quase diariamente notícias no jornal, em que não só se tentava reconstituir o que naquela noite e nas primeiras horas da manhã acontecera naquela festa de casamento, como também se fornecia os antecedentes e os mexericos que circulavam a propósito tanto da noiva quanto do noivo, e ainda acerca dos chamados pretendentes. Por diversas vezes se referia que fora um casamento de sonho, ou até mesmo o casamento do ano, que assim terminara de um modo terrível. A noiva foi mais do que uma vez descrita como uma *party girl*, o que não deixava de soar algo frívolo face à circunstância de estar morta, ao passo que a sua profissão, gestora de eventos, soava pouco menos deprimente; o noivo era referido como herdeiro de uma família de milionários de Viena, mas também como proprietário de imóveis e terrenos florestais na Estíria e neto de um deputado do Conselho Nacional de longa data, com o mesmo nome. Os pretendentes eram o filho de um professor ou cirurgião cardíaco, segundo constava nas notícias, um diretor júnior de uma empresa de transporte e logística que operava a nível europeu, o dono de um hotel de quatro estrelas com uma localização excelente e, por fim, Michael Mattlinger, conhecido como «Michi», locutor de televisão, moderador, *entertainer* e insuportável metrossexual — esta última uma característica de que

não me dera conta aquando dos festejos, mas que a fotografia impressa confirmava, a julgar pela onda no cabelo criada a poder de secador, a covinha no rosto e um olhar ensonado e suavemente difuso.

Não consegui deixar de rir da intensidade com que o comissário se mostrou irritado pelo uso da expressão «*jeunesse dorée*». Declarou que já ninguém a usava a sério e que só mesmo o jornal achava poder safar-se a enfeitar notícias daquele modo. Bastou-lhe isso para se exaltar a propósito de toda a cobertura mediática.

— É cada vez mais pateta a gente que contratam para escrever isto — afirmou. — Quantos mais estrangeirismos usam, tanto mais certeza você pode ter que, na realidade, o jornalista é um analfabeto e que todos os seus esforços são dedicados a escondê-lo. E, além disso, ainda aquele repugnante cheiro a mofo da mentalidade pequeno-burguesa, a predisposição das pessoas para admirarem o que acham ser a «alta» sociedade, isto até se fartarem de tanto admirar ou até se odiarem a si mesmas a ponto de partirem qualquer coisa.

Procurou-me de novo uma semana após a desgraça e voltou a rever comigo tudo o que então sucedera. Entretanto os factos, pelo menos aqueles que tinham visto a luz do dia, eram predominantemente já ponto assente e por muito tempo que ele quisesse ainda investir nas suas diligências de investigação, pouco era o que de novo conseguia apurar. Quando a noiva voltou a entrar na sala do restaurante com os pretendentes, já o noivo, tal como a mãe, haviam àquela hora tardia deixado a festa. O nosso pai abordou os quatros homens e acompanhou-os até ao exterior depois de estes, com uma atitude ostensiva, terem pedido uma garrafa de champanhe e o terem maltratado, como se ele ali fosse meramente o zelador e não o dono do restaurante. Tratou de dizer-lhes que deveriam sair naquele mesmo instante se não quisessem ficar a conhecer o seu lado pior. Referiu que com o rapto da noiva estava tudo muito bem, mas não quando a situação se arrasta ao longo de quatro horas. Com a sua falta de consideração tinham estragado a festa de casamento e, dito isto, começou a empurrá-los e a dar-lhes encontrões e por pouco a coisa não chegou a vias de facto.

O comissário quis saber se eu os teria ouvido ir-se embora de carro, mas após a chegada deles eu fechara a janela e, além disso, a chuva intensificara-se a tal ponto que o ruído da água a cair ter-se-ia decerto sobreposto ao barulho do motor. A noiva não fora com eles, ficara ainda durante algum tempo sentada à mesa dos pais, que tinham estado a repreendê-la, e apanhara depois um táxi. É claro que o comissário tratara de encontrar o taxista e este contara-lhe, enfim, jurara-lhe a pés juntos que seguira com a noiva apenas até estarem fora do alcance de quem pudesse vê-los do restaurante; não obstante o temporal e o facto de a roupa dela não ser a mais adequada, largara-a ali, a meio da madrugada, ou melhor, quando a manhã já despontava.

—Terá sido a última pessoa a vê-la com vida — declarou o comissário. — À exceção, talvez, do assassino.

Estávamos sentados, um diante do outro, no quarto da casa partilhada onde eu habitava, e ele acabara de examinar a estante com livros, como se pretendesse encontrar aí a resposta a todas as perguntas que ainda dela careciam. Oferecera-lhe a cadeira da minha secretária e eu próprio sentara-me na beira da cama, mas agora arrependia-me de não ter conseguido manter as devidas distâncias. Dado o modo impetuoso como, ainda à porta, ele perguntara se podia entrar, não conseguira eu ter a presença de espírito suficiente para lhe estabelecer os limites. Estava vestido à civil, com calças de ganga e um pulôver, e esforçou-se por manter um ar descontraído quando lhe disse que no jornal estava escrito que tudo apontava para um suicídio.

— Não acredite em tudo o que lê nos jornais — disse ele. — Basta ver aquilo que mais lhes interessa e fica-se logo a perceber tudo. Os anéis de noivado foram comprados numa oficina de joalheria em Paris, o vestido de noiva com lantejoulas tem penduricalhos da Swarovski, o cabriolé em cinza metálico com mais de duzentos cavalos. Até mesmo numa reportagem sobre uma desgraça conseguem eles escrever de modo a não revelar senão a própria estupidez.

Fez um movimento com a mão como se pretendesse não apenas varrer o que tinha diante de si, em cima da mesa, mas também libertar o mundo inteiro

de toda a tralha desnecessária, e aproveitou para continuar a dizer cobras e lagartos dos jornalistas.

— Do mesmo modo que hoje falam de suicídio, poderão amanhã mudar de rumo, bastando-lhes para tal farejar uma gotinha de sangue. Então logo se acaba esta repugnante bajulação, mandam os tão admirados pretendentes para o inferno e são capazes de lhes atribuir seja qual for o crime que lhes der na gana. Nessa altura, já não se lembram que ainda pouco antes quase andavam a beijar-lhes os pés.

Pigarreou de tal modo que cheguei a pensar que, estivéssemos nós no exterior, ele provavelmente atrever-se-ia a cuspir para o chão mesmo ali à minha frente.

— *Jeunesse dorée...*!

As palavras soaram como se preferisse deter logo os pretendentes, mesmo apesar de não ter quaisquer provas que os incriminassem. Há muito que eles se tinham ido embora quando, no meio da chuva torrencial, a noiva se fizera ao caminho. Deveria ter caminhado pelo meio da floresta, talvez tivesse escolhido um caminho mais afastado da estrada e evitado o parque de estacionamento diante do restaurante; de outro modo teria decerto sido vista por algum dos convidados que estariam prestes a sair. E o mais provável seria que não apenas a visse, mas também parasse e quisesse saber o que se passava com ela, para onde pretendia ir a meio da noite. Porém, isso queria também dizer que ela poderia bem ter passado de novo diante da minha janela, já que seria essa a maneira mais fácil de alcançar o trilho que subia até ao Schlossberg. Quando o comissário o disse, gostaria de lhe ter feito o obséquo e assegurado que, com efeito, a vira uma última vez, os cabelos encharcados e colados à cabeça, uma sombra que ali se esgueirara, que passara diante de mim, um fantasma no seu vestido branco, com lantejoulas.

— O caminho deve ter estado todo enlameado, por causa da chuva — comentou ele. — Ela caminhou sem sapatos. Os meus colegas confirmaram que os descalçou. As meias estavam completamente cheias de buracos nas plantas dos pés, além de sujas da lama.

De outro modo não teria sequer conseguido subir o trilho. Se havia coisa que me surpreendia era o facto de o cadáver ter os sapatos calçados. A noiva deveria tê-los levado na mão e, chegada lá acima, teria voltado a calçá-los, a enfiar meticulosamente as tiras nas fivelas. Fora assim que a haviam encontrado, com a roupa suja e encharcada pela chuva, mas com todas as peças vestidas e os sapatos nos pés.

Ao comissário o que mais dava que pensar era o facto de terem decorrido mais de duas horas completas entre o instante em que o taxista a largara e a altura que o médico-legista indicava como momento provável em que a morte ocorrera.

— É uma eternidade para percorrer aquela pequena distância — declarou. — Nesse espaço de tempo teria conseguido subir até lá de joelhos.

Embora aquela última declaração soasse como uma alusão às Irmãs da Caridade e às peregrinações noturnas que por vezes estas realizavam à ruína, pareceu-me que ele nada sabia a esse respeito. Ficou a olhar para mim com um ar aparvalhado quando lhe perguntei se também falara com a madre-superiora. Só mais tarde percebeu e riu-se.

— E de que serviria?

— Talvez uma das irmãs pudesse ter estado no exterior.

— Às cinco da manhã?

— Não sei ao certo quando começam as suas atividades — respondi —, mas a essa hora já devem estar levantadas e talvez até tenham feito as primeiras orações.

Respondeu-me que podia ser assim, mas que isso não fazia a investigação avançar um passo que fosse, a menos que eu estivesse a sugerir que uma das irmãs poderia ter empurrado a noiva do cimo do Schlossberg. E, já agora, que lhe desse também um bom motivo para tal suspeita.

— Ajude-me antes a pensar no que ela poderia ter andado a fazer aquele tempo todo. Duas horas no exterior, à chuva. É para mim um mistério. Além do mais, poderia ter escolhido o caminho mais fácil.

O olhar dele apresentava agora qualquer coisa de atormentado, como se a própria profissão lho impusesse.

— Se queria matar-se bem poderia ter-se poupado aquela penosa subida — comentou. — Ter-lhe-ia bastado avançar alguns passos na direção da clareira onde vocês tinham estado a fazer as fotografias. Ali o precipício também é mais do que suficiente. Porque haveria ela de subir ao Schlossberg?

— Talvez quisesse estar mais uns momentos a sós com os seus pensamentos — alvitrei. — Talvez quisesse ver o dia a despontar de lá do cimo.

— Àquela hora, com chuva torrencial? Gostava de conseguir ter o seu sentido de humor. Ela já poderia estar na cama há que vidas e sujeita-se a todos estes transtornos, na esperança de que o dia comece a clarear e que, à distância, consiga ver os tons avermelhados da aurora?

Nessa altura tinha eu vinte e quatro anos de idade, desperdiçara o tempo em que andara na universidade e era muito jovem — tão jovem como até então em nenhuma outra idade o fora — e quando mais tarde, em convívios, revelava que numa vida anterior trabalhara como fotógrafo de casamentos e depois me pediam para contar algum episódio caricato, ou mesmo a experiência mais incrível que tivera ao fazê-lo, só muito raramente falava daquela desgraça. A expectativa dos presentes era sempre poder ouvir qualquer coisa mirabolante ou talvez até obscena; com frequência fazia-lhes a vontade e, não querendo estragar o ambiente com esta história sinistra, concentrava-me antes em quaisquer percalços, em quaisquer equívocos, mas mais frequente ainda era falar simplesmente de uma segunda festa, que na verdade fora a primeira, algumas semanas antes deste funesto casamento, já que nesse caso haveria até mais razões para dizer que me tinha apaixonado, não na noiva, mas na sua prima. Ela estava de pé na capela, o seu rosto profusamente coberto de sardas, de um dos lados da cabeça o cabelo estava rapado até à altura da têmpora, do outro os cabelos encaracolados caíam em cachos. O vestido que trazia dava-lhe pelos tornozelos, o tecido, que à primeira vista era branco, revelava-se depois de um cor-de-rosa bastante claro. Tinha uma ampla gola de renda branca e uma espécie de avental branco, que quase parecia um bibe de criança, e segurava o seu violino. O meu olhar fixara-se nela de imediato, por diversas vezes preparei a máquina para disparar e voltei a baixá-la, mantive-a durante bastante tempo no visor sem fazer disparar o obturador e por fim, parado, imóvel, fiquei a

escutá-la e observá-la, a vê-la passar o arco pelas cordas, a ver como ela parecia oscilar, como se fosse o próprio corpo que ela fizesse vibrar. Tocava Shostakovitch, de olhos fechados, com movimentos que pareciam ser feitos debaixo de água, sem receio da entrega, sem receio da emoção suscitada, sem receio da ingenuidade. Antes disso, frequentara eu um café, todas as noites ao longo de três meses, por causa de uma empregada, do seu sorriso e do modo absorto como esta ficava de pé, atrás do balcão, a fumar, quando não havia nada para fazer. Nessa altura não me atrevera a abordá-la, mas agora mal conseguia esperar que a cerimónia de casamento terminasse, que as pessoas dispersassem e que eu pudesse avançar rapidamente até junto da rapariga, para lhe dizer que nunca ouvira nada mais belo e para lhe perguntar o seu nome, que vim a saber ser Sarah Flarer.



Letra – Portal de Literatura Contemporânea de Expressão Alemã

Goethe-Institut Portugal

Campo dos Mártires da Pátria, 37

1169-016 Lisboa | Portugal

www.goethe.de/portugal/literatura

biblioteca.lisboa@goethe.de